

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º A entrega	23.º Anno — XXIII Volume — N.º 758	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i> OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA JOVA DO LOUREIRO, 25 A 29
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	6120	20 DE JANEIRO DE 1900	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

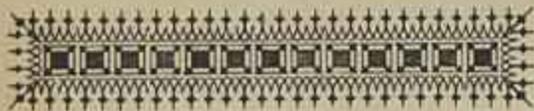
Centenario do nascimento de Castilho



ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO AOS 17 ANNOS DE IDADE
Copia da gravura feita por F. F. Soeiro em 1817

Antonio Feliciano de Castilho

FAC-SIMILE DA PRIMEIRA ASSIGNATURA DE ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, EM ESTUDANTE
TAL QUAL SE ENCONTRA NOS TERMOS DO LIVRO DE MATRICULA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, DO ANNO LECTIVO DE 1818 PARA 1819



CHRONICA OCCIDENTAL

Em 26 de janeiro de 1800 nasceu na casa, que hoje tem os n.ºs 13 a 21 da rua de S. Pedro de Alcantara, um dos mais illustres poetas portuguezes, Antonio Feliciano de Castilho, cujo nome brilhou ao lado dos nomes illustres de Garrett e de Herculano.

A camara municipal de Lisboa, tenciona mandar collocar uma lapide na frontaria d'essa casa, conforme proposta do vereador, sr. Alberto Pimentel.

A empresa do theatro de D. Maria realisar, na noite de 26 um espectáculo glorificando a memoria do genial traductor das obras primas de Molière, que tanto enriqueceram a litteratura dramatica portugueza.

A inauguração da lapide commemorativa assistirão muitas corporações, conforme já annunciaram á camara municipal. Far-se ha representar tambem a direcção da Escola-Asylo para cegos que tem o nome do famoso poeta.

Um dia de gala é este e dos maiores.

A glorificação d'um poeta todos concorrem gostosos. Se elle viveu para o bem de todos, se para sempre deixou um legado inexgotavel, que atravez os seculos ha de ir entornando sorrisos de aurora, lagrimas consoladoras!

Ditasas gerações a d'esses Castilhos, cujo nome tudo admira e respeita!

Os velhos, todos, foram gloriosos nas letras, todos vincularam o nome a qualquer obra notavel.

Não desmentiram da justiça de tanta gloria herdada os filhos, que tão maravilhosamente souberam comprehender o velho dictado: *noblesse oblige*.

Não ha muito que na bahia do Rio de Janeiro o denodo d'um portuguez ás direitas, assombrou quantos presenciaram o facto ou d'elle tiveram conhecimento. Esse valente official portuguez, cujo nome brilha com intenso esplendor na historia da ultima revolução brasileira, era Augusto de Castilho, um dos filhos do poeta a quem breve se trata de commemorar o centenario do nascimento.

O illustre marinheiro é um escriptor notavel tambem; mas tem-o a sua vida afastado das letras e coisas d'arte, a que todo se dedicou seu irmão mais velho, Julio, herdeiro do titulo de seu pae, o Visconde de Castilho.

O trabalho assombroso a que se dedicou, seus estudos sobre a Lisboa antiga, teria sido bastante para que todos o considerassem um benemerito. A erudição accumulada n'aquelles volumes, que tão facil torna hoje os trabalhos de quem tente reconstituir algum trecho da velha cidade, o encanto das descripções, a ligação dos logares descriptos com os factos historicos, são documentos de altissima valia, infelizmente muito desconhecidos, até dos que mais tinham obrigação de aprender a criar amor ás velhas coisas, que com tanto amor o erudito archeologo nos vai mostrando.

Poeta por temperamento, herança e educação, portuguez pelo sangue e coração nobilissimo, é vasta a obra do segundo Visconde de Castilho e n'ella se contem primores. Bastavam as *Manuelinas* e o seu carinhoso livro sobre Gil Vicente.

Pena é que não possamos com a mesma alegria falar de todos os filhos do velho e glorioso Castilho. A morte, ha bem poucos dias, levou-nos um d'elles, tambem artista, digno filho do traductor das Georgicas, digno irmão, pelo talento e pelo caracter, d'aquelles, que, ao celebrarem uma data gloriosa, não de verter lagrimas de saudade, entre lagrimas de commoção.

A morte de Eugenio de Castilho trouxe uma nuvem aos espiritos, que iam agradecer ao grande mestre a luz que sobre elles entornou em toda sua longa vida.

A obra dos grandes escriptores prolonga-lhes a existencia. Muito de sua alma deixam nas paginas inspiradas, que não de ser lidas pelos netos de seus netos e não de commover as almas.

Não é dada essa consolação a todos os artistas, cuja obra muita vez, por sua natureza, morre ao nascer, ephemera como luz de aerolitho que vòz, se desfaz e desaparece.

É assim a dos executantes, que apenas fica, quando muito, na fama que ha de apagar-se, na memoria dos que não de morrer. E depois não ha descripção possível. Vão-lá hoje saber como

cantava a Malibrán, que tão bellos versos inspirou a Alfred de Musset!

O artista morreu, morreu com elle toda a sua obra.

E por isso que não são demais todas as palmas, que lhes paguem um momento de delicioso extasis, de riso alegre, de vivo entusiasmo, com que, por instantes, nos fizeram esquecer os males da vida.

E o que se guarde sobretudo na memoria é a commoção causada ao espirito, mais, muito mais, do que o processo artistico que d'ella foi caminho.

E um dia a memoria apaga-se e fica na tradição uma anedocta ou outra, que um dia esquece. E nada mais!

É triste que seja assim, é triste que nada fique, nem sequer a memoria, d'esse homem de genio a quem applaudimos com delirio, quando nos fez crêr que o Hamlet era uma realidade palpavel, d'essa mulher, cheia de frescura e de mocidade, que nos arrebatou um dia cantando-nos um trecho sublime de Gluck ou de Mozart.

Seja ao menos a memoria grata, visto que é de tão pouca dura.

E quem, ha dias, leu nos jornaes a miseria em que está expirando o que foi grande actor, Furtado Coelho, lembre-se, se é isso do seu tempo, quanta vez, n'esses theatros, o applaudiu em tão diversos papeis, todos distinctamente desempenhados, no *Demi-Monde*, na *Theresa Raquin*, no *Lenço branco*.

Vão-lhe procurar lenitivo com um beneficio amigos velhos, collegas que o respeitam, empresarios que o conheceram em melhores tempos.

É um appello feito á caridade. Não faltarão á chamada os velhos entusiastas de quem, tantas vezes, partilhou applausos com os mais distinctos artistas do theatro portuguez.

São de enorme resultado os beneficios que todos os annos se realisam nas salas de espectáculo em Lisboa.

O trabalho dos actores portuguezes transformado em milhares de esmolos que se repartem todos os invernos, põe-os ao lado, na caridade, de alguns poderosos e, infelizmente, acima de muitos outros.

Ninguem tem duvida de pedir a qualquer artista que ceda em favor d'um infortunio algumas horas ou dias de trabalho, que, afinal, redundam sempre em perda propria. Tem elles essa especialidade: trabalhar para os outros, dando assim uma esmola que não parece. Pois é muito grande e, no dia em que Deus fizer as contas, os artistas não se hão de arrepender de ter feito o que fizeram e, Deus louvado, continuam fazendo.

Os espectaculos de caridade são frequentes em Lisboa e, ainda ha poucos dias, se realisou no enorme Colyseu das Portas de Santo António, o grande sarau em beneficio do Instituto D. Affonso.

Foi d'esta vez o Real Gymnasio quem mais concorreu para que a festa desse o melhor resultado.

O grande circo estava maravilhosamente decorado e no palco tocavam uns trezentos musicos. No programma figuravam gymnastica, esgrima, apresentação de cavallos amestrados, etc.

O resultado foi muitas palmas para todos e muito dinheiro na bilheteira.

Foi o espectáculo de maior sensação n'estes ultimos dias, por isso que, contra muitas previsões, em S. Bento não tem havido por enquanto novidades de maior.

A politica interna tem dado pouco que fallar a não ser pela annullação da eleição do Porto, cujos eleitores mandaram á camara tres deputados republicanos.

Da politica externa, sim, fala-se muito, e da guerra do Transvaal, e dos inglezes que não de vencer e dos boers que vão vencendo.

E todas as prophecias dos que muito confiavam no dinheiro e poderio inglez vão adiando, adiando... A prophecia está de pé... O quando é que ninguem sabe.

Um meu companheiro do americano até diz que acha tudo inacreditavel e que só lê telegrammas da guerra com os olhos boquiabertos!

João da Camara.

No centenario do grande poeta Visconde de Castilho

I

Fechou-te para o mundo a Providencia
Os olhos corporaes,
Quando mal encetavas a existencia,
E não o viste mais.

Não viste mais o céo que te cobria,
E as nitidas estrellas,
E o sol, fonte perenne de alegria,
E tantas coisas bellas,

Que aos raios do aureo sol da juventude,
Celestial sorriso,
Tornam a vida, após aspera e rude,
Um quasi paraizo.

Não viste mais os azulados montes,
Nem do campo os verdes;
Não viste mais as prateadas fontes,
E as aves multicores.

Não viste nada mais; mas semelhante
A flor mysteriosa,
Que, ao vir da noite a sombra negrejante,
Cerra o calix mimosa,

E guarda dentro em si o seu perfume,
Para se abrir mais tarde,
Mais rescedente ainda, quando o lume
No céo alto já arde,

Assim tu'alma branda e pequenina,
Repleta de fragrancia,
Guardou em si a imagem crystallina
Dos teus sonhos da infancia,

Perdida a luz dos olhos, para um dia
Se descerrar ardente,
Em niagara de idéas e harmonia,
A voz do Omnipotente.

II

E esse dia chegou breve:

Um anjo do céo baixou,
De azas candidas de neve,
E a tu'alma franqueou.
E aos hymnos qu'elle soltava,
Com que tudo deleitava,
Tudo fazia paamar,
Ella sahio feiticeira,
Cantando de igual maneira
O mais suave cantar.

Nunca uma voz tão maviosa
Entre homens se ouviu assim.
Era a tua voz formosa?
Ou era a do cherubim?
Como saber de quem era,
Se parecia, de esphera,
Baixar a nós, sup rior?
Gemia ternas endechas,
Modulava doces queixas,
Falava de paz e amor.

Depois, cheio de ternura,
O anjo tomou-te a mão,
E da treva densa, escura
Dissipou-te a cerração.
Os olhos d'alma espraiaeste,
Outro mundo e sol achaste,
Difrentes do mundo teu;
Mas d'aquelle que antes viras,
Mas d'aquelle a que sorriras
Tu'alma não se esqueceu.

É que o perfume d'outr'ora
Guardaras dentro de ti,
E, ao clarão da tua aurora,
Te julgavas inda ali
Por isso teu pensamento
Já se alteia ao firmamento,
Já até nos homens vem,
Porque teus magicos versos
Os mais bellos sons, dispersos
No céo, na terra, contêm.

Foram ainda lembranças
D'essa idade juvenil,
Que attrahiram ás creanças
Teu espirito gentil.
Cegas, mas da intelligencia,
Com olhos, mas sem sciencia,
Com sol, e sem terem luz,
Tu para ti os chamaste,
E suave as ensinaste,
Como o divino Jesus.

Foi inda o anjo formoso,
Que a alma te descerrou,
Quem teus ouvidos, piedoso,
Ao tenro bando inclinou.
E foi n um dia como este,
Quando ha um seculo nasceste,
Que esse anjo o Senhor te deu.
D'esse anjo, ó grande Castilho,
Tu és o dilecto filho;
E é poesia o nome seu.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1900.

Ramos-Coelho.

CASTILHO

Nome aureolado, de scintillações múltiples, indissolúvelmente ligado á mais brilhante pagina da moderna regeneração social e litteraria de Portugal. A lamentavel cegueira reconcentrou-lhe o genio, mas não lhe diminuiu o fulgor, nem lhe tocou a expansão da sua incansavel vitalidade. Mor-to para a vida exterior, accordaram-lhe na alma, no espirito delicado, os sentimentos da poesia, do altruismo, da dedicação, do estudo, do trabalho, do patriotismo. Cego e cego illustre, é elle o invalido, o terceiro na refrega e, sem arredar pé, sem duvidar nem tergiversar, acompanha impavido o renascimento litterario do romantismo, ao lado de Herculano — o mestre, a par com Garrett, o artista, e consegue sobrevivendo-lhes, tornar duradoura a corrente iniciada e presidir septagenario ao desenvolvimento da litteratura portugueza.

O POETA. Poeta acima de tudo, poeta de raça, discípulo e seguidor da velha Arcadia (*Cartas de Echo, Primavera, Amor e Melancholia*), breve deixa os antigos moldes, onde rivalisava com os mestres — Quiza, Bocage e Garcão, passa do bucolismo arcadico a alistar-se nas fileiras dos românticos, lá fora capitaneados pelos maiores poetas d'este século — Byron, Chateaubriand, Hugo, Lamartine e outros — e dá-nos nas composições novas (*Cinzas do bardo, Noite do castello, Excavações, Outomno etc.*) novos modelos de formosissimos versos, onde o estro, e o pensamento se alliavam sempre áquella incomparavel forma, melodiosa e pura; áquella forma acrysolada do verbo portuguez manuseado como poucas vezes o tem sido por poetas. Condição extraordinario o d'esse privilegiado grupo dos renovadores da nossa litteratura do começo d'este século que vai findar era sem duvida o de burilar a lingua, manejar-a, sob os seus mil formosissimos aspectos, condição que se perdeu, — ignorancia triste — por forma tal que mal sabemos hoje vasar em palavras nossas o nosso pensamento! Raro condição que esses homens que hoje veneramos nos não legaram senão na lição perduravel de seus escriptos, e do qual os ultimos possuidores — Thomaz de Carvalho e Latino já passaram ao campo da eternidade! Castilho possuía-o; Castilho era o metrificador perfectissimo, que sabia moldar em admiraveis dizeres o pensamento inspirado de um vate.

Mas esse condão, não o applicava Castilho tão sómente nos seus inspirados versos; por isso uma nova face temos para lhe admirar. Aparece-nos

O PROSADOR EXIMO. Em livros e jornaes deixou Castilho largamente accentuada a sua mestria na arte de escrever. Estudos de historia como os *Quadros Historicos*, artigos de critica litteraria, prefacios de muitas antigas obras classicas cuja reimpressão aconselhava, ou de novos livros da nossa litteratura contemporanea, como o *Poema da Mocidade* e o *D. Jayme*, em tudo Castilho se revelava uma forte individualidade, cujo principal caracteristico foi sempre, na prosa como no verso, o culto aprimorado da forma, a phrase correctissima, o dizer elegante, tanto no mais alevantado estylo como no decurso das mais violentas discussões. Esta qualidade, que n'elle, a todas sobreleva, manifesta se tornou em uma paixão que o acompanhou desde o principio da sua vida nas letras até á morte. Esta paixão pelos grandes mestres de todas as litteraturas estrangeiras, fez d'elle

O TRADUCTOR. Os mais variados trabalhos das litteraturas antigas grega e latina bem como as obras dos mais afamados auctores modernos e contemporaneos lhe mereceram aturado estudo e a muitas d'ellas verteu na vernacula lingua portugueza, de cujo aperfeicoamento foi elle sem duvida um dos mais acrysolados propugnadores. N'esta tarefa de vasar em moldes nacionaes os extranhos auctores devemos marcar dois modos bem diversos. No primeiro, ha a versão dos latinos e dos gregos *A Lyrica* de Anacreonte, as *Georgicas* de Virgilio, os *Fastos, Amores, Metamorphoses* e *Arte de Amar* de Ovidio, são outros tantos primores no estylo do velho classicismo litterario. No segundo modo, Lamennais (*Palavra d'um crente*), Shakspeare (*Sonho d'uma noite de estio*), Goethe (*Fausto*), Cervantes (*D. Quixote*) e finalmente Moliere (*Tartufo, Avarento, Medico á força, Sabichonas*, etc.) são vertidos em portuguez e, se bem que nem em todas o traductor respeitou a primitiva forma, não é menos certo, que aproveitando-lhes a essencial idéa, fez sobre os themas obras novas de nacionalisado cunho. Este defeito lhe apontam muitos; o certo é porém que as suas traducções dramaticas, conseguiram nacionalisar no palco portuguez o grande

mestre da comedia franceza e conquistaram um extraordinario exito.

Foram justamente estes trabalhos de traducção que mais conhecido tomaram da grande maioria do publico portuguez o eminente escriptor.

Como AUCTOR DRAMATICO não teve porém Castilho a mesma felicidade. O seu drama historico *Camões* baseado n'um imperfeito drama francez de Perrot et Dumesnil — e que nunca chegou a ser levado á scena em Portugal — é um soberbo trabalho onde transluz o entranhado amor que o visconde de Castilho votava ás nossas glorias patrias e muito em especial o culto que professava pelo grande cantor das nossas grandezas. Este amor, este preito fazem com que n'aquelle homem incontestavelmente superior, que hoje glorificamos, tenhamos a admirar e a venerar

O PATRIOTA. Ainda que afastado pela cruel cegueira das lides politicas, Castilho foi sempre amante da patria e da liberdade. Não teve de emigrar comquanto o perseguisse o absolutismo, mas nos seus versos sauda sempre as aspirações liberais.

A elle se deve o inicio dos trabalhos da consagração solemne com que a Patria pagou a sua divida eterna ao immortal cantor dos *Lusiadas* — commemoração que começou pelas pesquisas de sua veneranda ossada — iniciadas por Castilho — e pela erecção do monumento — que ao mesmo se deve — para concluir pelo grande festival do tricentenario, que ao illustre poeta não foi dado presenciar.

Finalmente, e para o fim reservamos esta feição igualmente admiravel de Castilho, foi elle o mais ardente e devotado

PROPUSIONADOR DO ENSINO DO POVO. O *Methodo portuguez*, a *Leitura Repentina* e muitas publicações tendentes a aperfeicoar o ensino das primeiras letras, bem como os esforços e diligencias assiduas e constantes para o estabelecimento de escolas e para a melhor efficacia do ensino publico dão a Castilho o aspeito venerando de apostolo da instrucção como mais tarde o foi João de Deus. Muitas gerações ensinou o *Methodo Portuguez* e, se o sistema teve mais tarde de ceder perante o apparecimento de novos e melhores methodos, não é menos certo que deve agradecer-se ao poeta a intenção pura de tornar suave e agradavel ás creanças, pela acção da toada musical, como nos cantos chorales de Froebel, a rude aprendizagem das primeiras letras. Elle proprio, no collegio que denominou *Portico* ensinava o seu methodo e com o auxilio das associações, como a dos *Amigos das Artes e Letras* de S. Miguel, *Industrial* do Porto, e dos *Artistas* de Coimbra, conseguiu implantal-o, ao cabo de porfiada lucta.

D'elle diz D. Antonio da Costa: «O que ha de tornar immortal a instituição d'aquella obra é o ter lançado as bases, n'esta nação, do methodo racional, natural e instructivo de todo o ensino primario. Esta ha de ser a gloria eterna do sr. Castilho e a historia da civilização portugueza nunca lhe poderá negar este feito glorioso em prol da sua patria. 1»

Tal foi o homem, taes os variados merecimentos com que se impõe á admiração dos posterios.

Victor Ribeiro.

Castilho na Lapa dos Esteios, 1822

Castilho nasceu com o século, e por isso em 1822 contava 22 annos, quinze dos quaes tinham já decorrido no meio das trevas da cegueira, pois cedo principiaram para o poeta as provações da vida, tirando-lhe a luz de seus olhos.

Mas se a doença implacavel lhe roubou a vista do corpo, á Providencia aprouve dilatar-lhe a vista da alma com essa luz que vem do céu, e que tanta vez permite ver mais com os olhos do espirito, do que aos videntes com os da materia.

Foi assim que Antonio Feliciano de Castilho, apesar da cegueira que em criança o assaltou, pôde estudar e seguir o curso na Universidade de Coimbra, onde se encontrava aos 22 annos de idade.

Despontava por aquelles tempos a aurora da liberdade e imperava o romantismo nos espiritos desde aquelles que do berço sonhavam com a poesia até aos que expunham a vida por um ideal,

1 A Instrução Nacional, parte III cap. V.

ora perdendo-a nos campos de batalha, ora sacrificando-a nos antros do exilio.

Tudo era enthusiasmo, tudo eram crenças; o scepticismo era coisa que não entrava nos corações da mocidade.

Os poetas cantavam a natureza, o amor, a vida. Estava-se em março de 1822 e Castilho, que já não via a cor das rosas nem o matiz dos campos floridos, nem por isso deixava de se enebriar com seus aromas. A primavera aproximava-se com o seu manto de flores a revestir os montes e a despontar nos pomares. Por sobre as arvores os passaritos ensaiavam os seus chilreos, mais uma vez a natureza rejuvenescia e se alegrava. Festal-a era de poetas, era de todos os tempos, desde os mais remotos do mundo, e ai d'elle quando a poesia tiver desaparecido de todo, porque todos os corações estarão obsecados pelo materialismo. Que inferno será o mundo!

Castilho quiz saudar a Primavera, elle que a não via sorrir, mas que lá no intimo de alma imaginava bem todas as belezas que a revestiam e comprehendia todo o amor e vida que ella trazia ao mundo.

De poetas era então a academia, amigos de Gesner, de que Castilho era o primeiro.

Concertaram em celebrar a entrada da estação das flores, com um passeio ao campo, a logar proprio e aprazível onde se reunissem e ali a saudassem com poesias, como em monte de flores ou outeiros. Que poetico seria, nas margens do Mondego, orlado de choupos a erguerem-se por entre os salgueirões, formando como que moldura aos campos tapetados de flores!

Escolheu-se a Lapa dos Esteios que o poeta nos descreve assim:

«Remontando a veia do Mondego até obra de um quarto de legua para cima da cidade, encontra-se na margem do poente um gracioso retiro, selvatico sem aspereza e como que enfeitado sem arte. Dissereis que em hora de contentamento o fizera a natureza para algum dia hospedar no regalo d'aquellas suas sombras um ajuntamento de poetas seus.

«De Lapa dos Esteios pozeram nome ao sitio em dias remotos, segundo são, os vinhateiros e pomareiros, que de umas e outras varzeas do rio costumavam acudir ali por paus, com que estear suas parreiras e arvores derreadas com o peso da fructa. Ainda permanece o nome, porém já o arvoredo se não desbarata pelos visinhos; e a lapa, de tão solitaria e amena que é, parece a appetecida estancia do genio da liberdade.

«Entra-se por um breve caes ornado de cinco alterosas arvores, das quaes uma torcendo-se toda para o rio, se debruça para saudar e cohrir com a sua sombra os bateis que chegam. No topo do caes, e fronteira a quem desembarca, se alevanta um genero de muralha nativa de rochedo, roto em muitos seios.

«Esta penedia até aos nove ou dez palmos de altura sobe nua, e só ornada da sua mesma aspereza; d'ahi para cima, como envergonhada de sua dura condição, se esconde toda com frontal de heras, que ora ressem como cabeços pendurados, ora se recolhem para phantasiarem lá por dentro suas grutasinhas e labyrinthos, d'onde ás vezes se estão vendo sair por um cabo e por outro os passaros, que depois de beber e se banharem na veia da agua se empoleiram nos lamegueiros visinhos, namorando e cantando a suavidade e fresquidão de suas habitações.

«Pelo lado direito aprasível scena, sobe uma cerrada espessura de bosque pequeno, onde os olhos se enleiam na confusão de troncos e folhagem; pelo esquerdo abre-se para cima uma escada rustica, mas commoda, de doze degraus.

«Tecem-lhe estendido tordo dois lamegueiros velhos, e outras arvores mais pequenas se abraçam por ali, travadas com mil voltas de hera.

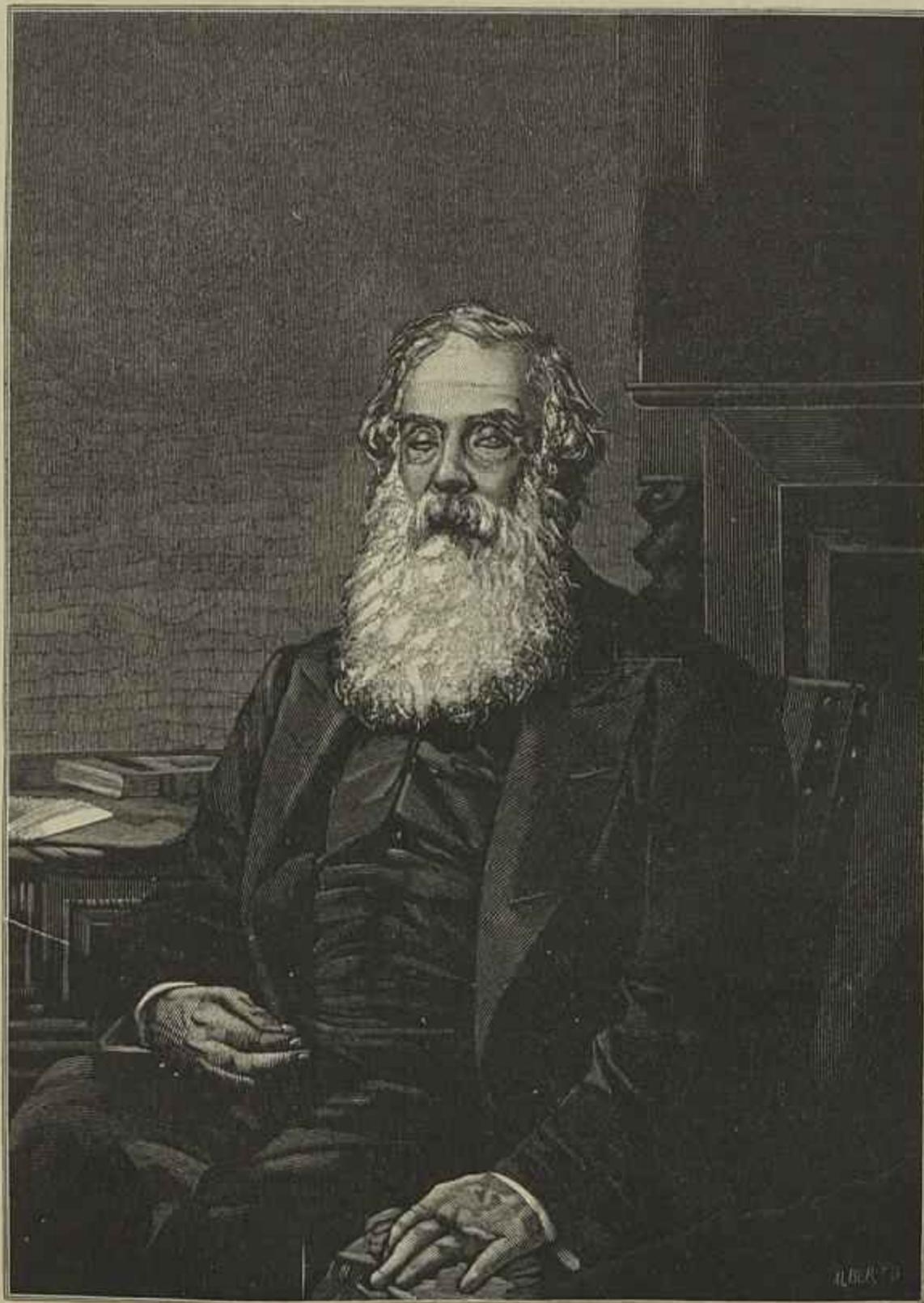
«Da esta subida em uma planura sobre o comprido, com seus assentos de ambas as bandas, isto é, da terra e do rio, o qual por entre um vasto arvoredo, que d'ahi por uma especie de promontorio vae descendo, até lhe metter os pés na corrente, se está vendo a furto transparecer. Das primeiras cabeças d'este arvoredo cae para os assentos uma boa e vedada sombra.

«O puro e perfumado dos ares, a varia presença de terra e aguas, o susurrar dos ramos abanados da viração, as melodiosas querelas das aves, em summa: a natureza enfeitada só de suas mãos, e paz e descanço de deserto, são a fonte perenne dos encantamentos d'este sitio.

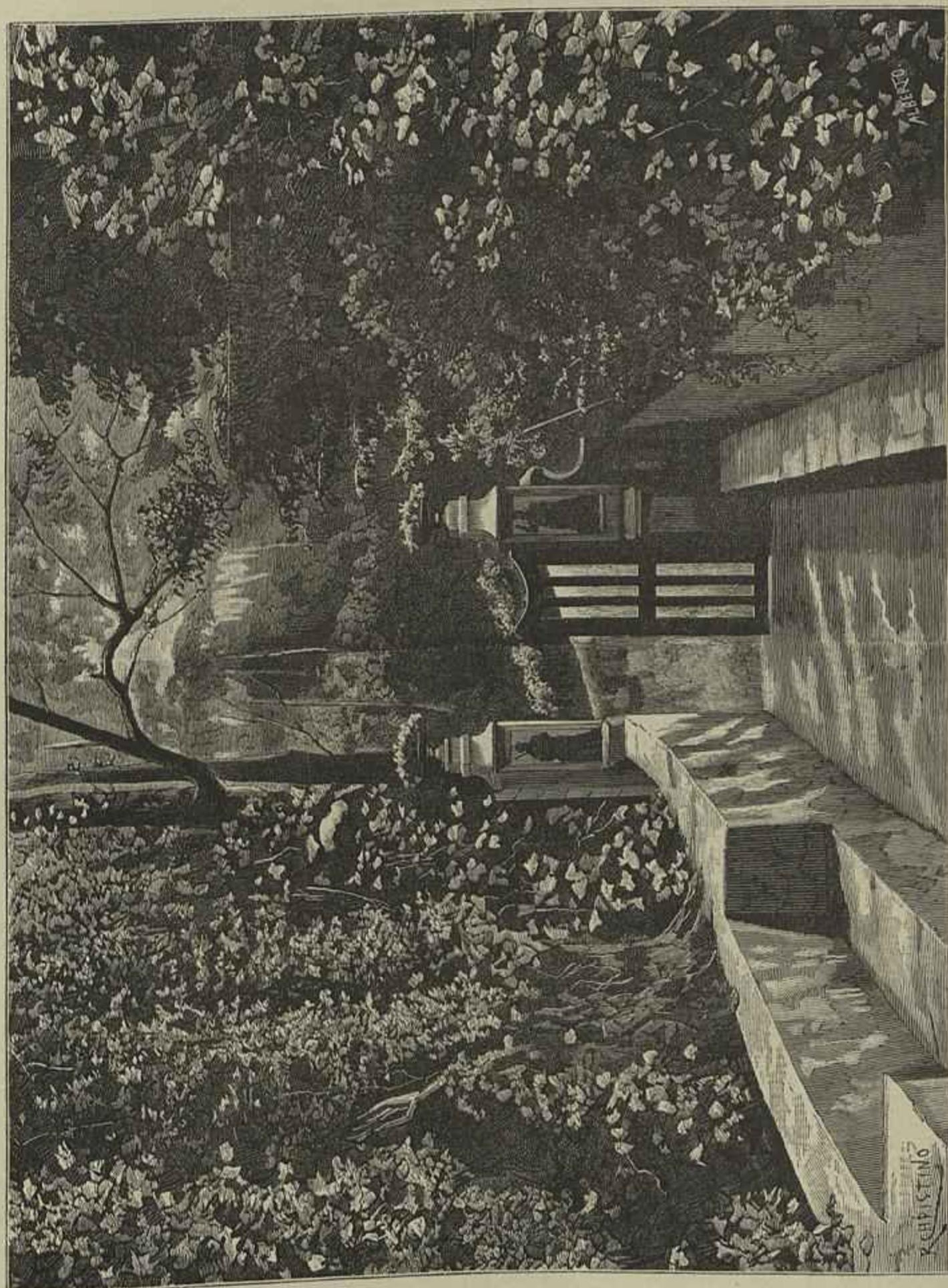
«Uma ladeira suave opposta á escada, e ainda mais sombreada, despe de outro caes, com seus degraus nativos de rocha até á agua.

«É este menos bem assombrado que o primeiro; não tem relva, nem arvore, nem verdura, afóra a da muralha no topo, toda velada de musgos matisa-

Centenario do nascimento de Castilho

VISCONDE DE CASTILHO — *Copia do retrato pintado por o professor Miguel Angelo Lupi*

Centenario do nascimento de Castilho



LAPA DOS ESTEIOS, NA QUINTA DAS CANNAS, EM GOIMBRA, ONDE CASTILHO CELEBROU A ENTRADA DA PRIMAVERA DE 1872

(Cópia de uma photographia do sr. Santos)

dos com seus tufo de fetos silvestres, congorças, e um sem numero de outras plantas eervas, sobressaindo a espaços alguns ramos solitarios de figueira brava; mas o que de interior graça lhe falleo, lh'o compensa a larga vista que para fóra destructa.¹

Pois foi ali que Castilho se reuniu no primeiro dia da primavera d'aquelle anno com alguns dos seus condiscipulos. Eram elles: José Victorino Freire Cardoso da Fonseca, que tomára o nome poetico de Elmiro; Francisco de Senna Fernandes, denominado Aufriso; José Maria Grande, o melodioso Josino; Augusto Frederico, Auliso; Albano Subtil de Pina, que não precisou mudar seu nome de baptismo; Francisco Cesario Rodrigues Moacho, Francilio, Francisco de Assis de Sales Caldeira, Franzino; e José Feliciano de Castilho irmão do poeta, contando apenas 12 annos. Veio ainda reunir-se á festa o padre José Fernandes de Oliveira Leitão, tocando sua flauta pastoril, desocupado e alegre, apesar dos seus quarenta janheiros, a fazer côro com a mocidade que foliava.

Todos recitaram seus versos principiando por Castilho, que fez ouvir pela primeira vez *O dia de primavera*.

Desde então ficou celebrado o sitio da Lapa Esteios, onde por muitos annos foram poetas em romaria recordar tempos idos e evocar as musas do passado. Hoje tudo é morto e já, em 1877² um viajante obscuro que visitou a Lapa, escreveu lá a seguinte oitava alexandrina:

É este o ameno sitio; ela o arvoredo, as aguas;
doce albergue feliz, onde a poesia inspira,
e onde os rouxinóis trinou divinas maguas
o bardo juvenil, cantor da Primavera.
Ouviram-lhe ali, aliude os ecos d'estas fraguas;
mas al! tornal-o a ouvir de balde o sitio espera.
Poetas, cautão vós; e ao querulo modilho
d'alem preside occulta a sombra de Castilho.

Caetano Alberto.

OS GRANDES HOMENS

Por fortuna, se fortuna pode chamar-se o que livra de responsabilidade um paiz para incluí-lo na responsabilidade que abrange todos, não é preciso vir a Portugal, nem chegar aos nossos dias, para encontrar as decepções soffridas pelo genio. Todos os paizes e todos os seculos são os juizes das injustiças dos homens raras vezes commettidas contra os seus inferiores: que não valeria a pena arrostar a carga de injustos com os pequeninos. Não ha biographo que, ao estudar o seu assumpto, não tenha observado essa extranha aberração da humanidade, esse fluxo e refluxo que fazem com que, ao mesmo tempo que pende para o aperfeiçoamento da sua época e da sua localidade, se empenhe em deminuir o numero dos obreiros do progresso, em cortar o vôo ás intelligencias privilegiadas de que o progresso depende. Quantos seculos não viria a importar em cifras de adeantamento para as sciencias e artes o elevado numero das perseguições e da annullação dos grandes talentos! O fanatismo politico e religioso, as indiscretas exclusões, que redundam em atraso do povo, julgado tudo sem appellação no seculo proximo e muitas vezes no mesmo seculo em que assim se prevarica, são as causas de phenomeno tão singular e tão commum.

Quando os homens celebres, diz um critico, são vistos a grande distancia; se no intervallo o progresso das luzes, grandes revoluções no governo e no estado social tem mudado ou modificado as idéas, cumpre rever o passado com a maior attenção. As mesmas cousas já não poderiam ser consideradas no mesmo ponto de vista. Com o tempo apagam-se as prevenções e os odios; julga-se com espirito mais são, por isso que se julga desinteressadamente. Assim muitas cousas que passam desapercibidas em uma época, adquirem valor com o andar do tempo.

Uma condição que parece inseparavelmente ligada ao destino dos grandes homens, é o excitarem primeiro a inveja, depois o odio, e muitas vezes tambem a perseguição. O seu merito offusca os rivales; a sua independencia assusta os governos; uma justa firmeza os impede de se curvarem e humilharem, e d'isto mesmo se tira auctorização para os tornar odiosos: que nunca faltou pretexto á mediocridade para calumniar o genio.

E o que começam os sujeitos que influem nos povos, continuam-n'o estes, e innocentemente a opinião acaba por tornar-se collaboradora n'uma

obra essencialmente destinada a prejudicar os legitimos interesses do paiz em cambio de minguaças e damnosas satisfacções pessoais. Vejamos como.

A opinião publica, a grande rainha do nosso tempo, disse, por estas ou outras palavras, um biographo cujo nome me não lembra; tem de bom que, se reserva os seus favores para os que a adulam, tambem para elles reserva as suas veledades, as suas exigencias, o seu mau humor e os seus caprichos; e quando por acaso dá com uma individualidade forte e altiva que se nega obstinadamente a aceitar-lhe o jugo, começa por medir o rebelde de alto a baixo, e se n'elle encontra verdadeiras proporções de grandeza, resigna-se a soffrer uma resistencia, que não a humilha, e colloca-se então em frente da personagem n'um pé de frieza permanente, que não é de certo o amor, mas que tão pouco é o odio, e que até certo ponto não exclue a justiça.

Assim, o homem de qualidades a quem a prevenção dos inimigos põe á prova, obrigando-o desproporcionadamente a collocar-se, sem querer, em frente da opinião publica, que por sua vez tambem sem querer, e sómente pela força das cousas, mantem a mesma attitud; esse homem, lá vem um dia em que adquire o direito de falar á opinião por via de um legitimo representante seu, que chega n'esse dia a interromper o silencio das duas potencias.

Esse dia, é no da sua morte. Esse representante, é a historia, que para elle começa ao receber-lhe o corpo no sepulcro e chamar a juizo as acções do homem.

E se a historia d'esse homem prova que foi virtuoso através de tempos em que tantas consciencias claudicaram, que foi dos primeiros engenheiros do seu paiz, dos seus filhos mais illustres; se em época de reorganização, em que tanta falta faz e em que não pouco escasseiam os talentos, a historia convence a opinião de que andou mal em não aproveitar os resplandores vespertinos d'essa intelligencia luminosa, em não utilizar para o paiz os ultimos restos d'essa rectidão e d'essa sciencia que se extinguiram para se transformarem em vida mais perfeita, livre das injustiças d'esta; então, sem tambem agora se sentir humilhada, a opinião ha de reconhecer o erro; porque, se em quanto viveu um homem, forma a respeito d'elle o juizo mais ou menos apaixonado dos seus emulos, uma vez morto, só a historia, que é a verdade, tem o direito de ser a opinião.

Franç.

CASTILHO¹

O riso foi n'essa época a dominante, como se diz na musica. Dos homens mais eminentes de então, só um talvez escapou ao que o povo chama a chalaça: foi Alexandre Herculano. Não foi verdadeiramente o seu talento inventivo o que produziu uma admiração profunda; dizia-se que o ponto de partida do *Euriso* era o mesmo de *Jocelyn*, o celibato do clero catholico, e a imaginação fugiu tambem para o *René*; mas a obra revelava uma tão admiravel superioridade de estudo, a época da destruição da monarchia goda na Hespanha pela invasão arabe e os costumes e caracter social, eram apresentados com tal feição de authenticidade, que as tendencias antiquarias fulguram n'um extaze de entusiasmo e aclamaram o grande pensador e grande investigador como um deus. Sem que a politica entrasse de nenhum modo nos seus escriptos, Herculano teve o poder de despertar no paiz e notavelmente nos portuguezes que no Brazil viam de longe a patria á luz da sua saudade e do seu amor natal, uma febre de adoração comparavel apenas á que em Italia se tem consagrado a Garibaldi. Foi um escriptor que teve influencia litteraria: não teve leitores e admiradores, teve fanaticos. Ninguém melhor do que elle conhecia a historia, nem encontrava n'ella com maior profundidade a nota philosophica. Era um homem fadado para a lucta; fóra soldado, expuzera a vida, tinha o fogo supremo das convicções, e a invencivel tenacidade de um caracter valente, severo, e desprendido em tudo e sempre das ambições e ufânias a que tem sacrificado quasi sempre Portugal os grandes e os maiores.

Outros dois, lidaram tanto como elle, e consagraram ás letras quanto amor poderam; Garrett e Castilho; Garrett viveu mais ou menos contente, da sua terra e da sua gente, porque tinha genio de não attentar nas miserias do mundo, ou figurava talvez que não dava por ellas: Castilho vi-

veu minado de desgostos, de perseguições, de malquerenças, de odios sem motivo, de calumnias, accusações vagas, punhaladas á falsa fe. Envenenaram-lhe a vida os inimigos, e os falsos amigos, que ainda mais o amarguraram com verdades e menhiras que iam repeti-lhe, enquanto elle consumia o tempo em trabalhos uteis perturbados sempre pela damnada brutalidade dos ingratos e dos ruins.

A morte, por que assim diga, salvou-o. Foi curioso o effeito de perspectiva que ella produziu, — bastou-lhe um momento para transfigurar tudo e collocar o poeta n'uns longes completamente favoraveis, apagando qualquer leve senão, perante a grandeza da sua vida e da sua obra, e restituindo-lhe inteira a magestade augusta e serena, que tantas vezes se tinha feito diligencia de empanar.

Nada d'isso serviu de lição, nem prestou para exemplo. O paiz, indifferente e frio, vai sendo o mesmo. Impressões de momento pela falta de um homem de letras que ninguem em Portugal substituiu; mas, impressões de momento, como quando se vê uma pessoa cair ao mar. Eterna historia! Estão os passageiros na tolda a passear, ouvem a bulha de uma queda, debruçam-se para vêr, perguntam como foi isso, dizem uns:

— Forte cousa! Que desgraça!

Outros:

— Coitado!

E o homem mergulha, apparece ainda, chama...

Depois o navio continua no seu rumo...

Depois os passageiros, encostados, olham para a agua, depois para o ceu, depois uns para os outros; e, conversando:

— Iamos nós dizendo...

Os homens de talento em Portugal tem tido sempre por destino não interessar ninguém. Falla-se d'elles, diz-se que tem merecimento, mas nunca ha quem trate de os ajudar como se elles fossem outra cousa, se tivessem um negocio qualquer, uma loja, e quebrassem... Tem-se raiva á superioridade, entre nós; e, não contentes de deixarem entregues ao seu mau fado, os que forem superiores amarguram-os ás vezes por gosto e recreio, promovem-lhes guerras, espalham boatos, cruxificam-os; depois quando os vêem mortos, vão até ao cemiterio, — nunca, assim mesmo, em tão numerosa affluencia como *quando ha tropa*, — e, chegados lá, querem ainda fazer render o morto:

— Quem falla?

— Então ninguém falla?

— Não ha discursos?!?

— Homem! Essa agora!...

Nunca em vida o auxiliaram, nunca lhe quizeram verdadeiramente bem, nunca o defenderam: pelo contrario lhe fizeram de vez em quando as pirraças possiveis; mas, n'aquelle dia todos os louvores lhes parecem pouco e pedem algumas flores de eloquencia á beira da sepultura...

Quando Castilho deu uns sarás litterarios, ensinando as creanças a lêr, instruindo-as e recreando-as, ia lá de tempos a tempos uma cambada de tafues desgostal-o, affligil-o. Ha gente em quem os sentimentos ruins nascem como bichos, não engendrados por fóra, mas concebidos e a ferverem na podridão inveterada da sua substancia.

Elle nunca pode entender-se de todo bem com o mundo; a acção que exerceu sobre a mocidade, foi grande nos primeiros tempos; nos ultimos annos quasi nenhuma, — ella aggredu-o por vezes, e elle a ella; foi a unica relação que tiveram.

O maior mal proveiu talvez de não poder existir affinidade entre o poeta cego, e a maior parte da gente, creaturas de feliz espirito, que não se deixam surpreender pelas visões, pelas chimeras sublimes, pelas angustias mysteriosas que minam e devoram as almas dos poetas. E elle era propriamente poeta; até no que se reputavam inconsequencias suas, caprichos; males imaginarios, que tantas vezes iam dar em dôres verdadeiras.

Depois, a humanidade tem horas em que é má-sinha. Havia de vez em quando um ou outro, por quem elle fizera o que havia podido — e ninguem era mais dado a empenhar-se e a trabalhar pelos outros, — que, n'um bello dia, o encontrava pela rua, dando o braço a um pequeno, a um criado, e ás vezes a um de seus filhos. Então, para não estar a demorar-se, para não ter que ir apertar a mão amiga e illustre d'aquelle velho, o sujeito, logo que o avistava, sumia-se.

Castilho não o via, coitado: daria elle alguma coisa para isso, por pouco que o outro tivesse que vêr; mas via o a pessoa que acompanhava o poeta e que lhe dizia:

— Vem ali o sr. fulano!

N'isto, o fulano desaparecêra.

E o outro:

¹ Primavera.

² *Memorias de Castilho*, por Julio de Castilho.

¹ Do livro *Lábio de Hontem* de Julio Cesar Machado.

- Quando digo vem, vinha...
- E então?
- E então viu-nos e mettu-se para a travessa...

Castilho desde esse dia desprezava aquelle homem; é natural; e quando alguma occasião tivesse de exprimir a respeito d'elle um sentimento de desdém, de desestima, ainda o mundo o accusava a elle e o arguia de sentir d'esse modo, tendo-se interessado tanto pelo homem n'outros tempos:

— Vão lá fiar-se!

Os dissabores azedaram-lhe o caracter, e, uma vez offendido, Castilho não perdoava. As vezes ia até á exaggeração do despeito. De mais a mais tinha muita graça, graça conceituosa, e tambem graça violenta; em lhe convindo fazia-a valer. *A Touquia de um camelo* é formidável.

A conversar era prodigioso. Por sentimento de artista a sua palavra tinha a força de uma arma, que atirasse o inimigo ao riso vingador; e nos chistes singelos da conversação amavel, ninguem o excedia em facilidade e em espirito. De uma occasião, por exemplo — cito-lhes isto a proposito de espirito e facilidade — tendo-se mudado para a rua Nova de S. Francisco de Paula, fui ali vê-lo. Andava-se a arrumar os livros: estava lá, visitando-o o antigo prior de Santa Isabel de quem Castilho era muito amigo. Iam-se tirando os livros dos bahus, dizia-se o titulo da obra, e o poeta indicava em que armario e junto de que outras obras deveria aquella ser collocada. Por entretenimento e para concorrer na lida, o prior e eu ajudámos esta tarefa.

N'isto o prior, sobraçando não sei quantos volumes, perdeu os olhos:

— Mau! disse.

E parou.

— Que foi? perguntou o visconde.

— Estou bem aviado. Perdi os olhos!

O poeta sorriu-se:

— Procura, dizem que tudo se acha nos livros!

Lá devem estar!

Foi sempre e até á ultima um lidador litterario. Tambem, como Alexandre Herculano, não ajoelhou nunca deante da fortuna para ella o enfeitar com os laços da sua côr, nem quiz outra coisa senão ir cumprindo a sua missão de poeta n'este mundo; mas Herculano era um solitario, e um austero; e Castilho comquanto mal lhe chegassem aos ouvidos os rumores do dia, as victorias, disputas, intrigas, derrotas e calumnias da vida publica, não logrou as vantagens da velha maxima — esconde a tua vida e espalha o teu espirito!

Nunca ao lê-lo se apercebeu alguém, se lembrou sequer da idade que elle tinha; morreu de setenta e cinco annos. Quê, annos! Não ha annos para homens d'aquelles. A poeira amarrotta e rasga-lhes a certidão de idade. Escrevia ainda com tanta frescura como nos dias em que o tempo sorria á sua juventude. O amor era o só da sua alma: alumia-lhe as profundezas, dava-lhe calor na superficie, despertava-lhe com os seus raios a primavera que elle adivinhou e cantou, transformava em flores, e em borboletas coloridas do matiz mais vistoso, as idéas ingratas que por algum momento serpeassem n'aquella comprida noite a que a desgraça o prendera, e fazia desabrochar no seu peito abelhas que distillavam mel, e a que o mel adoçava o ferrão...

Passou os seus dias a poetar, e os serões a ensinar as creanças, a ouvir ler, ou escutar musica. Por isso tambem o só que lhe servia de luz não durava só um dia; nem ia deitar-se nas nuvens, como o nosso, ás vezes sem sequer as doirar...

Foram eminentes como as suas qualidades litterarias, os serviços que prestou ás letras. O que elle fazia da lingua portugueza, como a conhecia, como se entendia com ella, como a levava a expressar tudo com os segredos do vigor e da graça, sempre pura, e conforme sempre ás leis inflexiveis da belleza harmoniosa! E não é o unico louvor que deve dar-se-lhe; tambem Roma admirou Terencio no tocante a saber a sua lingua mais do que qualquer outro poeta latino — sem exceptuar Horacio e Virgilio — e, comquanto esse louvor fosse grande, não considero nunca que elle indicasse por si só a valia absoluta de um grande talento. Quando se lêem as *Georgicas* pega-se indifferentemente no poeta latino ou no seu interprete portuguez e em ambos se tem Virgilio á vista, a tal ponto elle foi n'esta obra traductor primoroso, sem versos parasitas, traduzindo com vida, fidelidade, côr, desenho, correcção, harmonia, tudo: não sei se a musa que favorece o berço dos poetas lhe havia concedido largamente a invenção; não sei tambem se as suas traducções de Molière foram impeccaveis: mas em todo o caso, dizer que Castilho sabia a sua lingua e foi ex-

cellente traductor como centos de vezes se tem dito para não dizer mais nada, não basta: em todas as suas obras sente-se um moralista e um poeta, revelando-se em conceitos de uma gravidade penetrante, profunda, propria de uma alma apaixonada e verdadeiramente humana!

Trabalhou muito, e teve a virtude rara de fazer sempre quanto poudé pelas letras, e por todos em quem conheceu talento.

Julio Cesar Machado.

O MEDICO A' FORÇA

Molière, o grande poeta comico, que não deixou pelo epitheto que merece de ser um melancolico e de compôr algumas scenas de magnifica tragedia, como a do mendigo com D. João n'a floresta, encontrou na sociedade em que viveu tantas notas hilariantes, que da maior parte das suas comedias o riso se ergue em girandolas, desde ha mais de dois seculos, incessante.

Com excepção do *Misanthropo*, ainda hoje a muitos inacessivel, mais escripto, como diz Voltaire, para os homens de espirito do que para a multidão, com excepção ainda de mais algumas poucas scenas espalhadas por varias peças, a obra de Molière, desde que elle no *Étourdi* se estreitou, é compendio de toda a sorte de alegria, de ditos graciosos, de vivacidade explodindo em dialogos immortaes.

Não envelheceram essas joias, ainda hoje gloria resplandecente do theatro francez.

O exito que muitas d'ellas obtiveram, quando pelo visconde Antonio Feliciano de Castilho foram dadas a conhecer em nosso theatro e lingua portugueza, provaram mais uma vez que o genio não pertence simplesmente á patria a quem deu primeira luz.

Em bellissimos versos da nossa melodiosa lingua traduziu Castilho as melhores obras mais afamadas do mais afamado poeta francez, que, no parecer de muitos, sustenta ainda o sceptro da litteratura n'aquelle paiz tão opulento em obras de genio.

Entre nós foi o *Medico á força* a comedia de Molière que maior fama alcançou, unica que ainda se conserva em scena, sempre atrahindo concorrência.

Diz-se agora que brevemente veremos no theatro de D. Maria o *Avarento*, devendo o protagonista ser desempenhado por Ferreira da Silva. A escolha da peça honra o theatro.

Mas em nenhuma d'essas obras primas foi Castilho tão feliz como na versão do *Medico á força*, comedia portugueza de lei, desde o titulo, um verdadeiro achado, inspiração que só desce sobre quem, como o grande mestre, conheça a fundo todos os segredos da lingua em que escreva.

Compartilhando glorias litterarias e de poeta com Garrett e Alexandre Herculano, Castilho pode ser hoje considerado verdadeiro classico.

O *Medico á força*, cuja acção o poeta passou para Portugal, como aliás foi costume seu em todas as peças que traduziu, ficou sendo desde então a melhor comedia portugueza. Lingua, modos de pensar, feitiços de personagens, tudo ali é nosso. Para nós deixou de existir *le Médecin malgré lui*.

E quando nos lembramos da grande gloria de Molière, não podemos deixar de orgulhar-nos por termos tambem uma gloria tão nossa. *Le Médecin malgré lui* é obra d'um genio; d'um genio é tambem o *Medico á força*.

Castilho comprehendeu Molière, como grande artista que era. Molière recebeu de Castilho a maior das consagrações. A litteratura franceza deu á nossa uma das melhores joias do nosso escripto riquissimo.

O exito obtido pela comedia de Castilho foi dos maiores e mais legitimos. Fez-se justiça á mais formosa das obras d'arte.

Ha tantos annos foi essa primeira recita e, ainda ha pouco mezes no theatro D. Amelia, o publico acclamava mais uma vez os quadros preciosos, que formam aquelles actos, rosarios sem uma conta que não seja um diamante.

E que o desempenho de Taborda, encarregado do papel de Sganarello, foi sempre maravilhoso.

Desde o primeiro acto, na famosa scena em que desanca a mulher, n'aquella em que elle, com todo o cuidado na borracha, responde aos que o veem convidar para curar a muda, até ao final, quando de mau humor responde á Martinha, Taborda é inexcedivel em graça, observação, malicia, terror comico. A scena com a ama, os latino-rios que emprega, cheio de importancia, a alegre

philosophia com que vai ganhando os seus cobres e com que fala ao noivo da filha do lavrador, seriam bastantes para classificar o nosso velho actor como grande artista entre os maiores.

Uma das glorias de Taborda é ter sido excellentes collaborador de Molière e de Castilho. Não é pequena. Podem juntar-se os trez nomes n'um só periodo. Tratando-se d'aquella peça a gloria cabe a todos trez.

João da Camara.

O PRESBYTERIO (*)

Salvé, principio e fim dos meus passeios!
salvé, ó tu, cujo tecto, alva casinha,
cobre ha perto de um lustro os meus autores,
meus castellos no ar, meus faceis versos!
salvé co'o teu rosal; co'as tuas limas,
festivo ornato das paredes brancas;
co'o teu portão patente oppresso de heras;
e co'a tua nogueira; e co'o teu cedro,
brasão futuro do obumbrado pateo!
Salvé outra vez, meu presbyterio! salvé!

Hoje, que o caprichoso do meu estro
(bem sabes se elle o é!) deixa inconstante
versos inda no chôco, outros que apenas
vão da casa a sair, outros que breve
teem de fugir do ninho em vôos livres,
entrou, mal veio a aurora esclareecer-te,
a doidejar-te em roda, a namorar-te
qual borboleta ociosa ou leve abelha.
Pois que elle o quer, cantemos-te; e perdõa
se o canto fallador, transpondo os eumes
das tuas cerejeiras, fór mais longe
revelar tua humilde obscuridade.

A antiga mediania, a segurança,
a paz, o amor dos ceos, o amor dos homens,
genios foram que em benções presidiram
aos alicerces teus. De Pário monte
não foi mister que entranhas te enviassem
chão, columnas, e abobadas, e estatuas;
tuas portas sem chave não cresceram
lá nas florestas do hemi-pherio opposto.
Foi visinho pinhal teu solho e tecto;
deu-te paredes mais visinho oiteiro;
portões e meza um cedro bom da extrema.
Não eustaste nem lagrimas a pobre,
que á força te cedesse a choça avita,
nem odioso suor; e não se dormem
somnos melhores em Belem nem Mafra.

Que importa que no centro d'estes ermos
vivas tão só, que apenas descortines
n'um dos altos d'em torno esquiua aldeia?
Tu e o templo co'as messes que v-s cingem
bastaes no quadro agreste; em vôs affluem,
(como em sua Queluz) nos festos dias
ondas e ondas de amaveis saudadores.
Os rebanhos ociosos não desdenham
tojo em flor, que te doira o chão das mattas,
d'onde envoltos co'os tremulos balidos
veem cantos de amorosas guardadoras
endoidecer teu echo.

Os caminheiros
abençoam-te a sombra; aqui teem fonte,
que em tua relva, ao fresco das parreiras,
detem, desседando-as, caravanas
que vão ou veem no alpestre Caramulo.

O anjo das flores liberal te arqueira
de bordada verdura as rescendentes
claras janellas.

Um bulicio manso
de amigas vozes teu recinto alegre.
Na sua tepida choça os bois ruminam
ante o feno em montões; dorme no pateo
farto esquadrão lanigero; ao sol posto
cão dos lobos terror te vela as noites;
teus gallos as demarcam vigilantes.
Co'a luz primeira arrulha-te alvejando
cypria nuvem plumosa; e apenas saltam
da dextra não mesquinha os grãos doirados,
em torno da gentil madrugada
de toda a parte os hospedes revõam.
Bicam por entre as pombas á porfia
a gallinha de filhos rodeada,
o manso grasnador do aquoso tanque,
o vaidoso peru, que ri cantando,
e vós, e vós, mais vivos do que todos,
não chamados, mas sempre a nós bemvindos,
passarinhos do ceo, turba sem dono!

(*) Do livro *Memorias de Castilho*.

Singelo presbyterio, oh! como te amo,
co'o teu ar casaleiro! Amo o teu forno,
tão social á noite; a simples sala,
quasi sempre deserta; a livraria,
deserta rara vez; estas alcovas,
que enche um só leito; e a adega, assoviada
do alvo sopro do norte; e o fuso, e a pia
da cheirosa vindima; e o teu colleiro
alto, arejado, e tão patente nos pobres,
como as portas do templo convisinho.

Floreças para o ceo e para a terra
nos inconstantes seculos! floreças
feliz, co'o feliz dono, idade longa!
E se lá no futuro algum amigo,
sócio dos dias bons, saudoso e triste,
torcendo a estrada a te pedir viesse
novas do teu cantor. — «Amou-me, e amei-o» —
lhe dirias mostrando-te; e — «Seus ossos» —
juntaria o teu velho — «Aqui descançam.» —

Sim; apraz-me cuidar que inda os meus restos,
gratos aos bons d'este recanto obscuro,
onde escapei no seculo de sangue,

Basta;
esperemos ainda. Oremos sempre!
e talvez que não tarde a grata aurora,
em que, a adejar da serra pelos pincares,
venha de longe, a nuncia das venturas,
a pomba co'o seu ramo de oliveira!...

Castanhêira do Vouga, Maio de 1831.

A. F. de Castilho.

OS GRANDES CEGOS

«Les grands aveugles n'ont point
des regards parce qu'ils ont des
rayonnements.»

VICTOR HUGO.

(Carta a A. F. de Castilho).

Os grandes cegos deixam após si, não as trevas
da sua cegueira, mas os clarões vivificantes
do seu espirito luminoso.

Quanto a mim, são tres os maiores cegos que
tem havido no mundo: Homero, Milton e Castilho,
o primeiro na Grecia antiga, o segundo na altiva

christã, Homero, o soberano mestre da arte, o
deus da poesia, foi adorado na Grecia como uma
divindade. Alexandre Magno trazia sempre com-
sigo n'um cofre d'ouro os seus poemas. Nada de
mais rico, de mais bello e melodioso em todas as
linguas que a sua *Illiada* e mesmo o seu poema a
Odyssea. Homero pinta a natureza como se ti-
vesse olhos para a ver e admirar. Que de fogo e
magestade ha nos seus quadros, nas suas descri-
ções, desde a mais simples até á mais elevada,
pela forma, pelas ideias, pelas côres e pelo sen-
timento!

Milton, o inspirado épico inglez, parece que foi
arrancar ao Cahos, ao inferno, nos profundezas do
Averno, á altura dos céos, ao templo eterno da
divindade, tudo o que ha de mais terrivel e de
mais bello, tudo o que ha de mais sublime para
formar o seu *Paraíso Perdido*; Milton, que concre-
tizou todo o arrojio nas idéas que fundiu e mol-
drou no grandioso das suas imagens o que ha de
maior sublimidade no genio, é ainda hoje uma das
mais fulgurantes glorias da Inglaterra.

Castilho é, sem duvida, depois de Camões, o
poeta de que mais se ufana Portugal. Tinha seis



CASA ONDE NASCEU CASTILHO, NA RUA DA TORRE
DE S. ROQUE, EM LISBOA, EM 1800



CASA ONDE MORREU CASTILHO, NA RUA DO SOL
AO RATO, EM LISBOA, EM 1875

Desenhos do natural por o sr. Casellas

cá ficarão n'este ocio, inda alguns dias
do simples montanhez talvez chorados.

Ó santa perseguida Liberdade!
onde te achei?! onde não vivem homens;
n'um torrão bravo que não chama invejas.

Em quanto, ora que a noite o ceo regula
humida e turva, tantos ricos enchem
de bocejante ennojo as assembleas,
e tantos, tantos miseros sem lares,
sem consolo, sem pão, sem voz de amigo,
só reos de patrio amor, dormem nas furnas,
pelas praias do oceano, e pelas rochas
(sublimes troncos pelo pé cortados!)...
tua clara fogueira nos aquece;
graças, graças a um Deus!

Assim vagava
sobre o universo undoso a arca do justo.

Nós, depois de annos tres, inda esperamos!
ainda do trovão echos retumbam!
ainda os escarceos assoladores
remugem lá por fora! ainda a pomba
co'o ramo de oliveira inda não volve!

Ó santa perseguida Liberdade!
oh! se eu pudesse a troco dos meus dias
restituir-te á minha patria!...

Albion, o terceiro n'este cantinho do sul da Eu-
ropa.

Além d'estes, alguns outros tem havido dignos
de memoria que foram insignes nas sciencias, nas
artes e nas letras; Saunderson, que foi um prodí-
gio nos mathematicos; Huber, o eminente natu-
ralista genovez; Deodato, o grande philosopho
mestre de Cicero; Galileu, que cegou já em avan-
çada idade; Appio Claudio, o Censor, famoso
constructor da *Via Appiense* e do aqueducto de
Roma; Diogenes d'Alexandria, o preclaro mestre
de S. Jeronymo; Cambaci, insigne escultor to-
scano e ainda outros.

Sesostris, o mais celebre dos reis do Egypto,
cegou quando velho; a João Lescaris, imperador
do oriente, aconteceu-lhe a mesma desgraça.

A Belizario, o famoso conquistador dos persas
vandalos e godos, e a Luiz III da Allemanha e im-
perador de Roma arrancaram-lhe os olhos.

E, no entanto essas grandes desditas são ainda
pequenas comparadas á da cegueira de nascença
ou á d'aquelles que perdem a luz dos seus olhos
quando ainda creanças.

E n'esse caso esteve Castilho, estiveram Milton
e Homero; todos poetas, cuja memoria é para
sempre eternisada.

Homero, que viveu 1:000 annos antes da era

annos quando uma terrivel doença o cegou, mas
a sua precoce intelligencia era tanta, a sua mem-
oria tão prodigiosa, que em breve causou o as-
sombro de todos que liam as suas producções
poeticas, onde já se evidenciava tudo o que ha de
mais rico e opulento, na nossa lingua, todas as
suas galas e loucanias.

Ao fallar de Castilho disse Pinheiro Chagas que
elle deve ser considerado como o mais primoroso
cultor da prosa portugueza e o mais admiravel
cinzelador do verso. Que temos nós que ofertar
á memoria de tão glorioso portuguez mais do que
estas modestissimas, tão singelas quanto despre-
tenciosas linhas? Que tem o paiz que lhe offerecer
na apothecose que lhe está fazendo?

Nada, mesmo nada, á vista de tantas joias, de
tantos primores que esse grande cego expargiu
sobre a nossa litteratura, restaurando-a e engran-
cedendo-a, das galas com que elle vestiu a lingua
portugueza e do immenso bem que elle fez á in-
fancia com os seus ensinamentos e o seu *Metho-
do Portuguez*.

Tudo que se faça á memoria de tão glorioso es-
criptor, de tão genial poeta, é pouco, é nada, com-
parado com os thesouros de inestimavel valia que
elle nos legou.

Silva Pereira.